



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA: UM OLHAR A  
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS**

**SOANNY GOMES DA SILVA**

**Guarabira- PB  
2016**

**SOANNY GOMES DA SILVA**

**PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA: UM OLHAR A  
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS**

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Juarez Nogueira Lins

**Guarabira- PB  
2016**

SOANNY GOMES DA SILVA

PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA: UM OLHAR A  
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS


Artigo apresentado ao Programa de Graduação  
em Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito à obtenção do título de  
graduado em Letras.

Área de concentração:

Aprovada em: 21/10 2016

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Cláudia Magalhães de A. Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Soanny Gomes da  
Práticas de Língua Portuguesa na escola básica: [manuscrito] :  
um olhar a partir do estágio supervisionado de Letras. / Soanny  
Gomes da Silva. - 2016.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Juares Nogueira Lins, Departamento  
de Letras".

1. Estágio supervisionado. 2. Letras-Português. 3. Práticas  
de ensino. 4. Realidade e Mudança. I. Título.

21. ed. CDD 372

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>05</b>
<b>2. O ESTÁGIO: COMPONENTE CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS DA UEPB</b>	<b>06</b>
<b>2.1 O estágio nas escolas: observação e regência</b>	<b>08</b>
<b>2.2 As observações – a realidade sob o olhar do (a) estagiário (a)</b>	<b>08</b>
<b>2.3 As regências – a possibilidade de mudar a realidade</b>	<b>08</b>
<b>3. AS PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS BÁSICAS: ENTRE A REALIDADE E A PROPOSTA</b>	<b>09</b>
<b>3.1 Práticas de Gramática</b>	<b>10</b>
<b>3.2 Práticas de Leitura</b>	<b>11</b>
<b>3.3 Práticas de Produção de Texto</b>	<b>13</b>
<b>3.4 Práticas de oralidade</b>	<b>14</b>
<b>4. AS MESMAS E OUTRAS PRÁTICAS, UMA REFLEXÃO SOBRE O “VER E O FAZER” NA ESCOLA PÚBLICA</b>	<b>15</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	

# PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA: UM OLHAR A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS

Soanny Gomes da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Em virtude de dificuldades, pelas quais passa o ensino de língua portuguesa, há uma ampla discussão perpetrada pelos estudos na área de linguagem, instituições governamentais (o MEC, por exemplo) pela mídia e pela universidade. Nesta instituição, nos cursos de licenciatura, o componente estágio supervisionado coloca o licenciando com a realidade do ensino-aprendizagem, nas escolas, possibilitando aos discentes, observar e intervir naquela realidade. Dito isso, este artigo objetiva discutir o ensino de língua portuguesa, as práticas de linguagem (estratégias utilizadas para ensinar), a partir da experiência do estágio supervisionado de Letras. Utilizaremos como aporte teórico os estudos de alguns pesquisadores, como: Antunes (2003), Moysés (1994), Pimenta (2012), Faraco (1975), Zabalza (2014), entre outros. A pesquisa do tipo qualitativa com abordagem bibliográfica, descritivo/interpretativa, com apoio de observação não participante. Como resultados o encontro com algumas práticas criticadas pela teoria e algumas tentativas de inovação.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado; Letras Português; Práticas de Ensino; Realidade e Mudança.

## ABSTRACT

Because of difficulties, for which passes the Portuguese language teaching, there is a wide discussion perpetrated by studies in the language area, government institutions (MEC, for example) by the media and by the university. In this institution, the degree courses, supervised training component puts the licensing with the reality of teaching and learning in schools, allowing students to observe and intervene in that reality. That said, this article aims to discuss the Portuguese language teaching, language practices (strategies used to teach), from the stage experience supervised letters. We will use as the theoretical studies of some researchers, such as Antunes (2003), Moysés (1994), Pimenta (2012), Faraco (1975), Zabalza (2014), among others. The qualitative study with bibliographic approach, descriptive/interpretive, with non-participant observation support. As a result the meeting with some practical criticized the theory and some innovative attempts.

**Keywords:** Supervised Internship; Portuguese Language; Teaching Practices; Reality and Change.

---

<sup>1</sup>Graduada em Licenciatura Plena em Letras na UEPB, campus III. E-mail: [anny.soanny@hotmail.com](mailto:anny.soanny@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário da educação atual é marcado por várias transformações, as metodologias utilizadas em sala de aula são cada vez mais questionadas acerca de suas práticas de ensino, a todo instante surge questionamentos de como devemos ensinar, de que forma são realizadas essas práticas e qual melhor forma de garantir o maior aproveitamento dos conteúdos por partes de todos e principalmente pelos alunos. O que antes era visto apenas como o simples ato de passar conhecimento, ensinar hoje em dia se tornou um meio de construção do saber, no qual os professores têm contato direto com o dia a dia dos alunos levando em contas suas experiências pessoais, o seu meio social e cultural.

As mudanças que ocorrem a todo o momento no âmbito social, cultural e tecnológico refletem diretamente na educação, o ensino visto como tradicional, hoje encontra pouco espaço. É isso o que vimos durante o Curso de Letras, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Nesse curso, o componente estágio supervisionado coloca o licenciando com a realidade do ensino-aprendizagem, nas escolas, possibilitando aos discentes, observar e intervir naquela realidade. Diante disto, este artigo tem por objetivo debater o ensino de língua portuguesa, as práticas de linguagem (estratégias utilizadas para ensinar), a partir da experiência do estágio supervisionado de Letras. Utilizaremos como aporte teórico os estudos de alguns pesquisadores, como: Antunes (2003), Moysés (1994), Pimenta (2012), Faraco (1975), Zabalza (2014), entre outros. A pesquisa do tipo qualitativa com abordagem bibliográfica, descritivo/interpretativa, com apoio de observação não participante.

A princípio iremos refletir sobre o estágio supervisionado como componente curricular do curso de Letras Português na UEPB Campus III, logo após faremos um breve comentário sobre as observações e regências nas aulas de Estágio Supervisionado, continuaremos o trabalho mostrando como as práticas de língua portuguesa sendo elas: oralidade, gramática, leitura e produção de texto estão sendo trabalhadas nas salas de aulas e finalizaremos como o olhar sobre as práticas vivenciadas a partir do estágio supervisionado.

## 2 O ESTÁGIO: COMPONENTE CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS DA UEPB

O Estágio faz parte do componente curricular de todos os cursos de licenciatura, o estudante que pretende seguir a carreira acadêmica deve passar por um estágio. É o período em que o aluno/estagiário busca a interação entre a teoria e a prática, quando ele se encontra com a realidade educacional e coloca em prática tudo o que aprendeu dentro da Universidade.

O papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade. (LIMA, 2012, p.8)

O estágio supervisionado torna-se umas das partes mais importantes de um curso de licenciatura, isso porque o aluno/estagiário se depara com a realidade educacional antes só conhecida na teoria, tendo assim uma nova visão da rotina escolar. O estágio proporciona ao futuro professor um conhecimento real das escolas: o funcionamento, os alunos, os profissionais da educação, enfim, os pontos positivos e negativos; dá ao estagiário a oportunidade de conhecer os desafios que possivelmente irá enfrentar na carreira acadêmica que escolheu seguir. É o período de encarar a realidade dos alunos, suas dificuldades, peculiaridades e anseios; de conhecer a estrutura e como a mesma está organizada para receber a família escolar. É também a oportunidade que os alunos/estagiários terão de aprender qual postura deve ser tomada ao realizar a regência - próxima fase do estágio supervisionado.

Para ser professor é preciso, também, vivenciar a ESCOLA, esta instituição que é o espaço de sua prática profissional, e que se encontra povoado de praticantes de um mesmo afazer, e mais, de um afazer que só existe enquanto prática coletiva - é isso que o Estágio permite, mas que infelizmente, não garante. (ANDRADE, 2005, p.1)

O Estágio Supervisionado tem por objetivo refletir sobre o ensino nas escolas, com isso os futuros professores que ainda estão em formação podem conhecer a realidade de seu campo de trabalho, a parceria existente entre docentes e apoio técnico, a utilização de materiais didáticos e o planejamento, além de entender o funcionamento da escola e as necessidades apresentadas pela comunidade no que diz respeito ao desenvolvimento educacional.



O Estágio Supervisionado como componente curricular do curso de Letras é mais do que só o cumprimento dos requisitos acadêmicos, é a chance de crescimento e aperfeiçoamento profissional de cada aluno/estagiário. Além de ser o momento de integração entre universidade, alunos e escolas. “Estágio constitui uma realidade complexa, determinada por múltiplas variáveis e na qual participam três agentes fundamentais: os estudantes, a instituição universitária e os centros de atividades práticas”. (ZABALZA, 2014 p.40) O Estágio Supervisionado é de extrema importância para o término do Curso de Letras e para que o aluno consiga obter seu diploma de licenciatura.

A disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português na Universidade Estadual da Paraíba Campos III ocorre nos dois últimos anos do curso e é composta por três partes: observação do ensino fundamental II do 6º ao 9º ano e observação do ensino médio do 1º ao 3º ano, com carga horária de 08 horas aulas, sendo 04h/aulas de observação do ensino fundamental e 04h/aulas de observação do ensino médio; regência do ensino fundamental com carga horária de 08 horas aulas, sendo 04h/aulas individuais e 04h/aulas de oficina coletiva, em que os alunos estagiários que estiverem na escola e juntam e planejam uma oficina para ser aplicada juntamente com os alunos das turmas do ensino básico a qual eles estão dando as aulas; e por fim, a regência do ensino médio com o mesmo diagrama do ensino fundamental, o diferencial serão as turmas, os conteúdos e o planejamento, por se tratar de um novo ciclo de aprendizagem.

O estágio curricular consiste em um conjunto de funções muito mais amplas e vinculadas ao processo de formação e aprendizagem dos estudantes, tais funções estão relacionadas com o melhor conhecimento do campo profissional (um conhecimento *in situ*, não por meio de referências) com o enriquecimento por meio de experiências enriquecedoras e sugestivas na construção da identidade profissional, com a aquisição de referências práticas que aprimorem a significação das questões aprendidas na universidade, com o melhor conhecimento de si mesmo e de seus pontos fortes em relação a profissão escolhida. (ZABALZA, 2014 p.46 e 47)

## **2.1 O estágio nas escolas: observação e regência**

O estágio, como já sabemos, proporciona grandes experiências profissionais e pessoais, pois é chegada a hora de colocar em prática tudo o que aprendemos na Universidade. Antes disso, cabe ao professor responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado, nos orientar sobre a postura que devemos ter nas observações e

como devemos fazer o planejamento das aulas, as elaborações de oficinas no período da regência, além de nos auxiliar sobre toda a documentação necessária para darmos início ao Estágio. É observando e regendo as aulas que os estudantes de Letras tomam conhecimento das dificuldades encontradas no efetivo exercício da profissão.

## **2.2 As observações – a realidade sob o olhar do (a) estagiário (a)**

O Estágio Supervisionado I na fase de observação dá ao estagiário a oportunidade de conhecer melhor a rotina escolar de professores e alunos, os desafios que ele irá enfrentar na carreira acadêmica que escolheu seguir. Nessa fase, os estagiários encontram algumas dificuldades, dentre elas, professores insatisfeitos com a profissão e alunos desmotivados com a aprendizagem. Com a desmotivação, conseqüentemente, os alunos não mostram um bom desempenho em sala de aula. É nesse ambiente escolar que, muitas vezes, o aluno/estagiário constrói sua visão sobre o ensino de Língua Portuguesa e vai criando o seu posicionamento como futuro professor. Para Pimenta e Lima (2012, p. 61), “o estágio como campo do conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício docente”.

## **2.3 As regências – a possibilidade de mudar a realidade**

A fase da regência que é apresentada no estágio supervisionado II e III no 8º e 9º período do curso, dá ao estagiário a oportunidade de mostrar tudo o que ele aprendeu na Universidade e aprimorar ainda mais os seus conhecimentos. Esse período tem uma grande importância para todos que querem seguir a carreira, pois, é quando os estagiários se deparam com a realidade do ensino-aprendizagem da língua materna, podendo assim pensar e repensar na construção de uma nova metodologia para as aulas de Língua Portuguesa. O Estágio na fase de regência é um período em que os alunos buscam relacionar os aspectos teóricos que foram vistos na universidade e os práticos que só vivenciam fora dela, tentam mesclar a teoria e a prática almejando assim um bom resultado.

### 3 AS PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS BÁSICAS: ENTRE A REALIDADE E A PROPOSTA

O ensino de Língua Portuguesa torna-se essencial em todas as áreas de atuação de ensino, porém, muitos professores procuram maneiras diferentes de transmitir os conteúdos buscando o maior interesse dos alunos. Quais métodos seriam necessários para melhorar o entendimento de todos? O novo ou o velho? Método “velho” - o ensino da linguagem sem mediação das tecnologias e o método “novo”- o ensino da linguagem com mediações das tecnologias. (RAFAEL, 2012, p.133)

Ensinar apenas com instrumentos como giz, quadro e livro didático, não necessariamente significa ser um método velho, velho significa não atualizar-se com o sistema educacional atual. A educação vem mudando e as maneiras como aplicá-la também, para buscar um melhor aproveitamento dos alunos e entrar em contato com o atual mundo (virtual), vários instrumentos são considerados inovadores, como: data-show, computadores, tablets, os próprios celulares, etc..

“O “novo” se manifesta na escolha do objeto que supostamente orientaria o ensino da língua, o gênero, e na substituição da gramática por análise linguística”.(RAFAEL, 2012, p.140)Para que o ensino seja considerado “novo”, é necessário que os professores não apresentem os conteúdos para os alunos utilizando apenas a gramática, mais contextualizando-a com um gênero textual, tornando a aula mais produtiva e proveitosa para ambas as partes.Muitas vezes, a disciplina de Língua Portuguesa torna-se um empecilho para muitos alunos, pois eles se sentem incapazes de usá-la de forma adequada no seu cotidiano.

Consequentemente, persiste o quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou velada) aversão às aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e evasão. (ANTUNES, 2003. p. 20)

Os professores usam vários métodos para o melhor aproveitamento dos educandos, utilizam todos os métodos possíveis como a oralidade, a escrita, a leitura, a gramática, e etc., para a efetivação de um bom aprendizado. O ensino de Língua Portuguesa tem sido repassado, na maioria das vezes, de forma rotineira e tradicional. Devido a isso, os resultados alcançados com essa forma de ensino não

são tão gratificantes, conseqüentemente os educandos apresentam muita dificuldade na leitura, na oralidade, na escrita, na interpretação e principalmente o desprezo pela língua portuguesa. “Chamamos de pragas certas atividades que constituem a essência de um determinado tipo de ensino de português, qualificável de tradicional, cujos resultados têm sido os mais negativos possíveis”. (FARACO,1975, p.1)

### **3.1 Práticas de Gramática**

Sabemos a importância de ensinar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, mesmo que ela sozinha não ensine ninguém a ler ou escrever com perfeição. Em muitas escolas, o ensino é transmitido exclusivamente por meio da gramática tradicional, o requisito básico para saber o português é saber a gramática, ela é colocada como parte fundamental do ensino. O ideal seria que os professores buscassem um contato maior com a língua materna dos alunos e que valorizassem a língua que eles falam. "A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa". (BAGNO, 2000, p. 87)

Bagno diz que a gramática normativa não pode ser o único meio que os professores utilizam-se para ensinar a Língua Portuguesa nas escolas. Grande parte dos professores utiliza-se da Gramática por acharem ela mais cômoda e fácil, mas devem deixar de lado o comodismo e buscar atividades que envolvam a contextualização e a interdisciplinaridade, sendo elas individuais ou coletivas fazendo com que o educando estabeleça seu próprio conhecimento linguístico.

O dever da escola é ensiná-la oferecendo condições ao aluno de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da língua, por não terem condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula. (ANTUNES, 2007, p. 53)

Nas aulas de estágio observamos que o ensino da gramática é apresentado de forma arcaica, os professores utilizam-se de métodos teóricos e que não fazem nenhuma relação com a vida dos alunos, a teoria gramatical quase sempre não está ligada com as práticas de textos apresentados em sala de aula. A perspectiva dos estudos gramaticais na escola, até hoje, centra-se, em grande parte, no

entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal. (PCN's Ensino Médio, p 16, 2000)

### **3.2 Práticas de Leitura**

A leitura torna-se necessária para qualquer indivíduo. Quem lê amplia a sua percepção de mundo, quanto maior for o tempo dedicado à leitura, mais integrado em seu meio a pessoa está. O primeiro local em que uma criança deveria ter acesso a livros deveria ser em casa, no ambiente familiar, entretanto, a escola é muitas vezes o primeiro local em que o indivíduo tem contato com um livro, é um dos locais em que o hábito da leitura pode ser desenvolvido. Sobre a grande contribuição do contato com o uso da leitura e da escrita, Soares diz:

que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para participação ativa e competente em situações em que prática de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursiva e cognitiva que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p.145 e 146)

Magna diz que os indivíduos que dominam o uso da leitura e a escrita têm atitudes e competências vistas como diferentes daqueles que não dominam essas competências. A leitura por sua vez não é algo muito presente na rotina dos jovens estudantes, e quando praticada é tida meramente como parte das atividades escolares obrigatórias e poucos a fazem por prazer. Os professores devem criar estratégias de ensino para ser desenvolvido o hábito de leitura nos alunos por prazer e não apenas por cumprir requisitos escolares. Desenvolver o hábito da leitura nos alunos é desenvolver o senso crítico dos mesmos, tornando-os agentes transformadores de suas próprias realidades.

Sabemos que não é fácil o professor sozinho introduzir práticas diferenciadas de leitura ou qualquer outra prática de ensino no ambiente escolar nos dias atuais. “Óbvio que ele, o professor, por si só, não é capaz de transformar a realidade que extrapola a própria escola e tem suas raízes no econômico e no sociopolítico. Mas sua competência, como profissional da educação, é sem dúvida, um dos fatores de maior peso quando se pensa na melhoria da qualidade do ensino”. (MOYSÉS, 1994, p.14)

Além do desinteresse dos alunos, existe a falta de compreensão dos pais em relação ao incentivo à leitura, a falta de condições para adquirir livros, os recursos necessários para uma boa efetivação do ensino nas escolas públicas, entre outros. “A escola, concebida da forma em que está, traz em si os fatores que propiciam o fracasso. Faltam-lhe recursos materiais e humanos para fornecer um ensino de qualidade”. (MOYSÉS, 1994, p.14) Outro fator preocupante é a má formação de profissionais da educação, que muitas vezes não são preparados ou não buscam aperfeiçoamento para trabalhar a leitura em sala de aula. Vários fatores influenciam os estudantes a sentirem prazer em ler. Os livros ou leituras passados para os alunos devem ser adequados à faixa etária da turma, os professores devem estimular a curiosidade dos alunos de maneira a causar o interesse e prazer em ler um livro.

Faraco diz que cabe ao professor levar textos que sejam ligados a realidade dos alunos, para que eles sintam prazer e interesse pela leitura, os professores podem buscar meios para introduzir a leitura no cotidiano dos alunos e não somente o livro didático. “Chato está aqui para representar todo aquele conjunto de textos desligados da realidade e da cultura nacional, afastados dos interesses das crianças e dos adolescentes”. (FARACO, 1975 p.2)A consequência desses textos chatos na vida dos alunos é o total desinteresse da leitura, e o pouco aproveitamento dessas aulas.

É notório nos dias atuais que muitos alunos lêem,mas não sabem compreender o que foi lido, isso se dá devido à falta do hábito de ler. Para que haja uma boa compreensão da o aluno tem que tornar a leitura um hábito. É lendo que se aprende a ler. “Esta habilidade, porém, é mero passo em direção a objetivos qualitativamente superiores.” (FARACO,1975 p.1) Conseqüentemente, a falta do hábito proporciona a incapacidade de muitos alunos não entenderem um texto e por isso não conseguem interpretá-lo de forma crítica.

Uma das práticas de leitura que poderia ser utilizada em sala de aula seria o ensino de literatura de forma não biográfica, pois a literatura é uma das partes do ensino de língua portuguesa mais fascinante, é através da literatura que os alunos podem viajar por diversos mundos, diversas épocas, conhecer várias histórias. Só que por muito tempo os alunos não sabem o que significa a literatura. Eles conhecem apenas alguns autores, sua biografia e às vezes um resumo das obras

literárias, pois alguns professores não apresentam a verdadeira literatura para os educandos.

Infelizmente, na maioria das escolas, a leitura é colocada de maneira aleatória, desconsiderando o meio social em que aluno vive e dificultando a sua capacidade de um ser social crítico e reflexivo. Dessa maneira, é necessária uma grande mudança nas práticas de leitura aplicadas em sala de aula, e cabe aos professores buscarem métodos, metodologias e recursos diferentes para conseguir uma melhora no ensino.

### **3.3 Práticas de Produção de Texto**

O ensino de produção de texto é considerado um desafio para qualquer educador, produzir textos em sala de aula é um processo considerado difícil tanto para quem ensina quanto para quem tem que aprender. Os alunos se sentem incapazes de produzir textos, escrever é muito mais difícil que falar. A insegurança e incapacidade são sentimentos presentes nos alunos.

Pensar o ensino de produção de texto requer pensar, em primeiro lugar, que um texto produzido por um aprendiz manifesta-se como o produto de um sujeito que, a seu modo, através das diversas possibilidades e formas de linguagem, busca estabelecer um determinado tipo de relação com o seu interlocutor. (VAL, 2008, p.54)

Ainda que ensinar a produzir textos seja considerado um desafio é tarefa da escola introduzir propostas de atividade que estimulem a criação e a escrita dos educandos. Mais de que forma essas propostas devem ser introduzidas? Talvez seja devido a essas práticas que os alunos ainda se recusam a produzir ou se interessar por tal prática. Geralmente, a metodologia utilizada pelos educadores para a produção textos está desvinculada do contexto social do aluno. Muitos professores ensinam apenas a escrever utilizando as normas gramaticais tidas como corretas pela gramática normativa. Diante disso, Citelli afirma:

Penso que o processo de criação de textos deve estar assentado em passos muito bem definidos pelo professor. Tanto no circuito da educação formal como da informal, o trabalho com redação tem de levar em conta a existência de fases integradas que possuam objetivos a serem alcançados e formas de avaliação que permitam verificar a realização ou não dos objetivos em causa. (CITELLI, 2008, p. 19)

Quais métodos são utilizados pelos professores para estimular essa prática? Como esses métodos devem ser ensinados? Um dos meios utilizados para ensinar

os alunos a terem uma boa escrita e começarem a produzir seus textos é a redação, porém, essa prática deve ser introduzida de forma correta na aprendizagem dos alunos, para que eles façam uma boa redação. Eles precisam conhecer as condições necessárias para a elaboração da mesma, a redação precisa se tornar um método rotineiro nas escolas. Contudo, os alunos ainda sentem muitas dificuldades na construção das redações, pois os professores não propiciam condições necessárias para que eles consigam desenvolvê-las. É o que Faraco nos mostra em uma de suas sete pragas que são as “redações torturas”:

Queremos que nossos alunos escrevam, mas não lhes criamos as condições necessárias para tal. O processo rotineiro de orientar a redação tem sido mais ou menos assim: damos um título ou aumentamos o sofrimento deles, deixando o tema livre e esperamos tranquilos o fim da aula para recolher o produto suado daqueles angustiados minutos. (FARACO, 1975, p.2)

Um dos meios mais importantes para produzir um texto é a leitura, ela propicia ao educando um conhecimento de mundo muito maior do que aquele apresentado em sala de aula. As duas práticas se relacionam, e depende dos profissionais da educação unir práticas e conteúdos para o melhor aproveitamento das aulas. Buscar novas formas de ensinar para tornar o ensino de Língua Portuguesa mais proveitoso é papel do professor, mas sabemos que nem sempre os professores encontram recursos necessários para trabalhar com as novas metodologias. Entre as dificuldades enfrentadas apresentamos: a falta de infraestrutura nas escolas, a falta de recursos didáticos, a realidade sócio-cultural dos alunos, entre outras. Sabemos também que tampouco a escola sozinha, com toda uma infraestrutura formada, não é sinal de boa educação, a preparação e o compromisso dos profissionais da educação é que pode ser um sinal de mudança na realidade do nosso ensino.

Observamos nas aulas de estágio que a produção textual ainda é transmitida de forma tradicional, ainda existe uma falta de ligação entre a realidade vivida pelos alunos e os conteúdos apresentados em sala de aula. Com isso, é necessário desenvolver trabalhos significativos com vínculos sociais e os professores devem refletir sobre uma mudança na prática de produção de texto. É desafiador, mas não impossível.

### **3.4 Práticas de oralidade**

As práticas de oralidade são bem apresentadas pelos professores em sala de aula, a oralidade é uma das formas de passar conhecimento para os alunos através



da fala. Porém muitos professores não sabem que sua função não está delimitada a fala do professor, a oralidade é mais do que apenas um meio de transmitir conhecimento, ela pode ser uma eficiente ferramenta a ser utilizada no processo de ensino aprendizagem.

Trabalhar com a oralidade não ficou só para os professores é através dela que os alunos podem ser inseridos no processo de ensino - aprendizagem, os questionamentos feitos em sala de aula mostram que os alunos estão interagindo com o professor por meio da fala, a metodologia que o educador utiliza em suas aulas abre espaço para os educandos se interarem. A antiga metodologia onde o professor era o único agente transformador do ensino dá espaço para as novas metodologias, na qual os alunos participam ativamente desse processo. Antes, o professor falava e o aluno ouvia; hoje em dia, o professor fala e abre espaço para o aluno opinar por meio da oralidade.

A oralidade é o recurso de comunicação muito antigo utilizado pela sociedade, e deve ser um dos principais meios que ajudarão a contribuir com o ensino aprendizagem nos dias atuais. Nem sempre o que o aluno fala é aceito ou reconhecido pelos professores, boa parte dos docentes ainda dispensam esses recursos vindo por parte dos alunos. Antunes (2003, p.15) fala que “não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especificamente, pela “voz” pela “comunicação”, pela “atuação” e interação “verbal”, pela linguagem”.

Nas observações e regências a oralidade foi posta diferente: nas observações os alunos pouco participaram das aulas oralmente, a oralidade era apresentada pelo professor; já nas regências, procuramos trabalhar bem a oralidade com os alunos, estimulando-os a falar algo que os interessassem, que tivesse de acordo com o conteúdo ou não. Inicialmente foi feita de forma tímida e por poucos alunos, mas com o passar do tempo eles se soltaram e começaram a falar. É preciso dar oportunidade e indagar os alunos para que eles se mostrem e participem ativamente do processo de ensino aprendizagem.

Percebemos as necessidades pedagógicas que as escolas têm em aceitar a representação oral de seus alunos, porém, é notório que o princípio construtivo do conhecimento precisa ser explorado e inserido na escola. O lugar da oralidade no

ensino não deve ter um lugar privilegiado, mas dever ser comparado e incorporado assim como as outras práticas de ensino, sendo elas as práticas de gramática, de leitura e de produção de texto. Antunes (2003, p.99) diz que “a oralidade apresenta a mesma dimensão interacional que foi pretendida para a escrita e para a leitura”.

#### **4 AS MESMAS E OUTRAS PRÁTICAS, UMA REFLEXÃO SOBRE O “VER E O FAZER” NA ESCOLA PÚBLICA.**

O estágio supervisionado nos proporcionou momentos inesquecíveis, foi a partir dele que mostramos o que realmente aprendemos na Universidade. Sabemos que o ensino de Língua Portuguesa precisa ser revisto pelos professores, e que não é uma tarefa fácil. Procuramos utilizar todas as práticas de ensino de Língua Portuguesa da melhor maneira possível, dando o nosso melhor.

Na fase de observação no Estágio Supervisionado I observamos como essas práticas eram utilizadas em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa. A princípio observamos as Práticas de Gramática e percebemos que ela ainda é transmitida para os alunos através das regras gramaticais, de maneira antiquada, e que os professores não buscam meios de inserir a gramática em contextos sociais. Irandé (2003. p. 89) afirma que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”. Os professores devem utilizar a gramática vinculada à língua escrita ou falada, tendo como apoio o uso da língua em textos reais. Que os alunos não pensem que a gramática serve apenas para corrigir, que ela é flexível e que não deve ser vista apenas como um conjunto de regras. Irandé assegura que a gramática sendo trabalhada isolada, sem propostas linguísticas, não terá um bom aproveitamento em relação ao ensino, a questão não é deixar de ensinar a gramática e sim a maneira de ensiná-la.

Cabe lembrar que toda língua possui, para além da gramática, um léxico variado, que também precisa ser amplamente conhecido, o que significa dizer que a gramática sozinha nunca foi suficiente para alguém conseguir ampliar e aperfeiçoar seu desempenho comunicativo. (ANTUNES, 2003. P. 88)

Continuando as observações das práticas de ensino, observamos a Prática de Leitura, que é um método exercido muitas vezes apenas pelos professores. Em muitas ocasiões, os alunos se recusam a ler em sala de aula. Isso ocorre geralmente por vergonha, já que alguns não apresentam uma leitura fluida, e só

fazem a leitura quando são pressionados ou para obterem nota, como se a leitura fosse apenas uma atividade escolar obrigatória.

Irlandé (2003, p.70) pressupõe que “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”. Sendo assim, vemos que a leitura não serve apenas como atividade escolar, ela por si só apresenta uma diversidade de funções, para o prazer, para o aperfeiçoamento da escrita, para a ampliação de informações perante o leitor entre outras. “A leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-ser com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literalmente as coisas”. (ANTUNES, 2003, p. 71)

Uma das formas de estimular a leitura em sala de aula é apresentar aos alunos textos atuais de acordo com a faixa etária de cada um e com o seu meio social. A literatura pode ser deslumbrante quando apresentada de forma correta. Se o aluno for estimulado, ele certamente será favorecido no processo de ensino-aprendizagem. A Prática de Produção de Textos, por sua vez, não é muito diferente das outras práticas de ensino, a autora a seguir mostrará um pouco como essa prática é colocada por professores e recebida pelos alunos em muitas escolas:

Um olhar sobre o que acontece em determinadas práticas de sala de aula revela que, na escola, inverte-se essa lógica: o aluno não escreve para ser lido, mas para ser corrigido. A lógica escolar elimina desse modo, a atitude responsiva ativa, pois o aluno sabe antemão que nada ou muito pouco pode esperar como resposta efetiva ao que produz. O resultado é o entendimento ou introjeção de que o texto escrito é sempre um produto fechado, com fim em si mesmo. (VAL, 2008, p.55)

Nas observações feitas ficou claro que a produção textual é transmitida apenas para obtenção de notas, o aluno escreve para ser avaliado e essa avaliação está sempre de acordo com conteúdos gramaticais apresentados em sala, sem estimular o pensamento crítico do aluno e sem estar de acordo com os vínculos sociais dos mesmos. Os professores devem buscar meios para que os alunos produzam textos que não sejam artificiais, que a escrita deles tenha uma função, que seus textos estabeleçam relações entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor, que a escrita não seja improvisada sem planejamento, que o aluno escreva para ser lido e não só avaliado gramaticalmente.

Citelli (2008, p. 16) diz que é necessário ao aluno descobrir que existe um leitor do seu texto: “sempre se escreve para que alguém leia”. Essa constatação tão óbvia nem sempre é compreendida pelos alunos. Escrever é produzir e reproduzir experiências, e é imprescindível que os alunos pensem assim.

O ponto de partida para o desenvolvimento de cada proposta de redação é um trabalho de sensibilização que proporciona aos participantes um mergulho prático, pois participativo e reflexivo, no trabalho de redigir. Todos os presentes, entre os quais destacamos o próprio professor, elaboram seus textos, Lêem e são ouvidos, revelando-se, através de um processo de inter-relação via signo escrito, o prazer de produzir e reproduzir a experiência. (CITELLI, 2008, p. 20)

Antunes (2003, p.45) diz que “a escrita é uma atividade tão interativa, tão dialogada, dinâmica e negociável quanto a fala”. Ela pode ser realizada em conjunto, já que as metodologias existem o que falta é aplicá-las. As Práticas de Oralidade existem para inserir os alunos no processo de ensino aprendizagem. Falar, questionar, se impor é uma forma de mostrar que os alunos estão participando ativamente das aulas, e cabe ao professor incentivar essa prática. Nas observações não vimos muito a prática da oralidade com os alunos, às vezes isso ocorre pelo próprio desinteresse dos alunos, muitos não falam, não se mostram interessados nos assuntos e se mostram passivos nesse processo. O professor sozinho não consegue transformar a educação, porém, ele se torna parte importantíssima nesse processo.

A oralidade em sala de aula é a melhor forma de mostrar os diversos padrões linguísticos que existem, os alunos nem sempre os conhecem, e cabe ao professor dizer aos alunos que a linguagem pode ser diferente sim, de acordo com quem fala, com o meio social a qual ela pertence, o lugar, dentre tantas outras especificações. “Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas, podem estar mais, ou menos, “cuidadas” em relação à norma-padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso”. (ANTUNES, 2003, p.100)

Essas e outras práticas de ensino foram postas nos estágios supervisionados, e vimos que o ensino pertence a um processo contínuo e os professores devem estar atualizados de maneira que consigam desenvolver competências e habilidades nos alunos. As práticas devem ser inseridas de forma que os alunos possam ler e compreender o que foi lido, participarem ativamente das produções de textos,

praticarem a linguagem oral, participarem inteiramente das análises e reflexões do processo de ensino aprendizagem que estão sendo inseridos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado foi o momento de discussão e de apreensão da realidade da aula de língua portuguesa nas escolas públicas de ensino básico, em Guarabira. Momento de tentar a articulação entre as discussões teóricas e a realidade do ensino, com toda a sua problemática. Durante o curso de Letras entramos em contato com vários estudos sobre o ensino de língua portuguesa, aqueles que apresentavam o panorama desse ensino nas salas de aula, hoje (a presença ainda, de metodologias tradicionais e pouco produtivas) e aqueles que traziam propostas para mudar essa realidade. Durante as observações do estágio, pudemos ver muito daquilo que era criticado pelos autores e um pouco das mudanças. As práticas tradicionais predominaram nas aulas observadas, com alguns momentos de tentativas de inovação.

A partir das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado podemos refletir sobre os problemas que a educação enfrenta no momento atual, e o panorama nos deixou preocupados e com a responsabilidade de modificar esse quadro. No entanto, sabemos que não é fácil, e que a culpa desse aparente insucesso, não é só do professor, do aluno, da escola, dos pais, mas de uma conjuntura política e econômica que não valoriza como deveria a educação brasileira. Tentemos então, buscar os meios de mudanças possíveis, para que no futuro e que seja um futuro bem próximo, possamos encontrar bons resultados. Sabemos que um desses meios de mudanças são as práticas de ensino em sala de aula e que a partir dos professores essas práticas possam ser melhoradas e que estejam de acordo com as necessidades da educação contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, 1937. **Aula de Português: Encontro & Interação/** Irandé Antunes, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho.** São Paulo, Ed. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo, Ed. Loyola, 2000.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CITELLI, Beatriz Citelli – **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008 – (Coleção aprender com textos, v.7)

FARACO, Carlos Alberto. **As Sete Pragas do Ensino do Português**. Revista Construtora, ano III, nº 1, p. 5-12, 1975.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RAFAEL, Edmilson Luiz. **Refletindo sobre a relação novo/velho no ensino de português**, 131.

MOYSÉS, Lúcia Maria – **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

VAL, Maria da Graça Cost. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto – o sujeito** –1. ed. 2. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FaE/UFMG, 2008.

ZABALZA, Miguel A. **O Estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo – 1. ed. Cortez, 2014.